

A cada ano, Brasil cresce um Uruguai

Campeão mundial em concentração de renda, atrás de todos os países com 10 milhões de habitantes o Brasil cresce anualmente o equivalente a um Uruguai (3 milhões de pessoas) e joga no mercado de trabalho quase dois milhões de jovens. Mas a maior parte dos que trabalham não tem carteira assinada, pois sobrevive às custas da economia informal, que produz cerca de 13 por cento do PIB.

O grosso da população (6 por cento) está concentrado na periferia das pequenas e médias cidades, com padrões sócio-econômicos inferiores aos que são encontrados na Índia, segundo observa o cientista político Paulo Sérgio Pinheiro. E quem mais sofre são os jovens, 43 por cento vivem na absoluta miséria.

Não há ideologia que sustente um quadro de tamanha desigualdade social como o que existe no Brasil, observa Bolívar Lamouier. É preciso, diz ele, que a população se conscientize de uma vez por todas sobre consequências futuras do que vem ocorrendo no País e comecem a agir desde já. Grande parte das dificuldades que a população carente enfrenta, hoje, no Brasil, complementa Paul Singer, resulta das políticas econômicas de ajuste, cujo custo mais elevado recaem sempre sobre os segmentos com menor força e poder. Estudos feitos pelo Instituto de Pesquisas Econômicas da USP junto com o Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Criança), mostram, por exemplo, que o peso do ajuste recessivo de 81/83 recaiu sobre os mais fracos.

Relatório divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) com as conclusões de pesquisas feitas sobre o mesmo período, mostra que os mais afetados foram os jovens. Enquanto nos Estados Unidos morrem dez crianças por mil nascidos, no Brasil o número pulga para 64, sem falar que anualmente morrem outras 400 mil com doenças evitáveis. Uma a cada quatro crianças sofre de desnutrição.